

VOL V

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL V

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição- Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comercial. A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisângela Abreu
Organizadoras	Prof. ^a Dr. ^a Mauriceia Silva de Paula Vieira Prof. ^a Dr. ^a Patrícia Vasconcelos Almeida
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”, Cuba*
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, *Universidade Federal de Uberlândia*
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, *Universidade Federal da Paraíba*
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano, Peru*
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, *Universidade do Estado de Mato Grosso*
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, *Universidade Nova de Lisboa, Portugal*
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, *Universidade Aberta de Portugal*
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, *Universidade Federal da Grande Dourados*
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Carlos III de Madrid, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, *Universidade Estadual do Maranhão*
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal*
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, *Universidade de São Paulo*
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, *Universidade Federal de Roraima*
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México*
Prof.^a Dr.^a Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, *Universidade Federal do Triângulo Mineiro*
Prof.^a Dr.^a Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, *Instituto Politécnico da Guarda, Portugal*
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, *Universidade São Francisco*
Prof.^a Dr.^a Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.^a Dr.^a Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*



Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College*, USA
 Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha
 Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros
 Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
 Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
 Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
 Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
 Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
 Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
 Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
 Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
 Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
 Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe
 Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
 Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
 Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
 Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
 Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
 Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría"*, Cuba
 Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
 Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
 Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
 Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
 Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
 Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
 Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
 Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
 Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
 Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
 Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
 Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P832 Por palavras e gestos [livro eletrônico] : a arte da linguagem vol V / Organizadoras Patricia Vasconcelos Almeida, Mauriceia Silva de Paula Vieira. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilingue

ISBN 978-65-87396-43-9

DOI 10.37572/EdArt_160821439

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vieira, Mauriceia Silva de Paula.

II. Almeida, Patricia

CDD 469

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

O volume V do livro *“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”* se organiza a partir da seleção de textos que trilham diferentes vertentes teóricas e que apresentam como ponto de convergência a linguagem em suas múltiplas formas e dimensões. Em sua constituição, os trabalhos versam sobre a música, a dança, o cinema, a escultura, entre outros temas, lastreados em diferentes manifestações culturais. Os textos apresentam ainda, análise de obras clássicas e/ou consagradas, trazendo reflexões que contribuem sobre a arte da palavra. Em uma obra cujo foco são as diferentes manifestações da linguagem, as investigações sobre o discurso têm seu lugar e estão circunscritas à metáfora, à sátira e aos discursos presentes nas redes sociais.

Este volume também concede espaço a discussões sobre a língua e sobre o ensino, não só em uma perspectiva teórica, mas levando em consideração um panorama de formação de professores e de pesquisadores. Com a publicação deste volume, esperamos contribuir para que estudiosos e interessados pelas múltiplas nuances da linguagem possam refletir sobre as temáticas abordadas.

Mauriceia Silva de Paula Vieira

Patricia Vasconcelos Almeida

SUMÁRIO

A ARTE E SUAS DIFERENTES MANIFESTAÇÕES

CAPÍTULO 1.....1

LA OBRA DE MILO LOCKETT EN LA PRODUCCIÓN DE OBJETOS COMERCIALES Y EL DISEÑO INDUSTRIAL (2013-2016)

[María Melania Ojeda Snaider](#)

DOI 10.37572/EdArt_1608214391

CAPÍTULO 2..... 19

OS DESENHOS DE JORGE MARTINS: UM DESAFIO INCONSCIENTE E UMA AVENTURA DA CONSCIÊNCIA

[Luís Filipe Salgado Pereira Rodrigues](#)

DOI 10.37572/EdArt_1608214392

CAPÍTULO 3.....28

NUDAC: SIMBOLISMO, MAGIA, HISTORICIDADE, MISTIÇAGEM E SUA RELAÇÃO SOCIAL NOS PASSOS DE UMA PAIXÃO

[Maria do Céu de Souza Sampaio](#)

DOI 10.37572/EdArt_1608214393

CAPÍTULO 4.....42

DE LA LÍNEA A LAS ESCULTURAS HABITABLES. LUIS CASABLANCA

[Mar Garrido Román](#)

DOI 10.37572/EdArt_1608214394

CAPÍTULO 5.....52

(SIMULACROS) LOS IMPOSIBLES DEL VOCABULARIO EXPOSITIVO A TRAVÉS DE JAGNA CIUCHTA

[Gonzalo José Rey Villaronga](#)

DOI 10.37572/EdArt_1608214395

CAPÍTULO 6	59
DIMENSÕES INOVADORAS DO TEATRO-EMPRESA NA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL	
Luiz Fernando Milani	
DOI 10.37572/EdArt_1608214396	
CAPÍTULO 7	72
ADAPTACIÓN DE LA PRENSA ESPECIALIZADA EN MÚSICA CLÁSICA A INTERNET	
Esther Martín Sánchez-Ballesteros	
DOI 10.37572/EdArt_1608214397	
CAPÍTULO 8	97
LUZ, CÂMERA, TRADUÇÃO: OS PROCESSOS TRADUTÓRIOS NA LEGENDAGEM E NA DUBLAGEM DE UM FILME ANIMADO EXIBIDO NO BRASIL	
Ana Vitória Silva dos Santos	
Silvia Malena Modesto Monteiro	
DOI 10.37572/EdArt_1608214398	
CAPÍTULO 9	109
REFLEXÕES HISTÓRICAS E RELIGIOSAS DE LITERATURA E CELIBATO A PARTIR DE “O CRIME DO PADRE AMARO” DE EÇA DE QUEIRÓS	
Diego Lopes dos Santos	
DOI 10.37572/EdArt_1608214399	
CAPÍTULO 10	123
JUAN L. ORTIZ Y EL CANTO DEL GRILLO: DERIVAS, DEMARCACIONES, CARTOGRAFÍAS	
Fabián Humberto Zampini	
DOI 10.37572/EdArt_16082143910	
CAPÍTULO 11	131
<i>THE LORD OF THE RINGS</i> Y SU LUGAR EN PEGASUS LOS AVATARES DE UNA POÉTICA	
María Inés Arrizabalaga	
DOI 10.37572/EdArt_16082143911	

LINGUA E DISCURSO: DO ENSINO À PESQUISA

CAPÍTULO 12139

LOS MEMES: EL DISCURSO SATÍRICO DE NUESTROS TIEMPOS

[Citlaly Aguilar Campos](#)

DOI 10.37572/EdArt_16082143912

CAPÍTULO 13155

AS MÃOS COMO METÁFORA NA ANÁLISE DE DISCURSO

[Francisco Antonio Romanelli](#)

DOI 10.37572/EdArt_16082143913

CAPÍTULO 14172

REDES SOCIAIS E EFEITO NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

[Enrique Agustín Ruiz Flores](#)

DOI 10.37572/EdArt_16082143914

CAPÍTULO 15195

ENUNCIACÃO E GRAMÁTICA: O VERBO COMO SUPORTE PARA O ESTUDO DA TOPE

[Andreana Carvalho de Barros Araújo](#)

[Deislandia de Sousa Silva](#)

DOI 10.37572/EdArt_16082143915

CAPÍTULO 16207

EN TORNO A ALGUNOS DEBATES DEL LATINOAMERICANISMO ENTRE LOS AÑOS '80 Y '90. UNA POLÍTICA DE LA LENGUA CRÍTICA

[María José Sabo](#)

DOI 10.37572/EdArt_16082143916

CAPÍTULO 17217

PREPARANDO NOVOS PROFESSORES PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA (PLE): ALGUMAS PERCEPÇÕES DE UM CURSO ESPECÍFICO

[Gutyerlle de Sousa Araújo](#)

DOI 10.37572/EdArt_16082143917

CAPÍTULO 18	231
FORMAÇÃO DOCENTE: PARÂMETROS E DESAFIOS NO CONTEXTO DA SOCIEDADE ATUAL	
Heliud Luis Maia Moura	
DOI 10.37572/EdArt_16082143918	
CAPÍTULO 19	244
MULTILETRAMENTOS E ENSINO: ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS PRESENTES NAS CANÇÕES DE RAP	
Nathan Fernandes Silva	
Mauriceia Silva de Paula Vieira	
DOI 10.37572/EdArt_16082143919	
CAPÍTULO 20	260
O ESPAÇO VAZIO E O TEATRO NO CONTEXTO ESCOLAR	
Fernando Freitas dos Santos	
DOI 10.37572/EdArt_16082143920	
CAPÍTULO 21	273
SETE ANOS DE INVESTIGAÇÃO EM RELAÇÕES PÚBLICAS PERCURSOS DO PRIMEIRO MESTRADO EM GESTÃO ESTRATÉGICA DAS RELAÇÕES PÚBLICAS EM PORTUGAL	
Mafalda Eiró-Gomes	
Ana Raposo	
César Neto	
DOI 10.37572/EdArt_16082143921	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	288
ÍNDICE REMISSIVO	289

CAPÍTULO 16

EN TORNO A ALGUNOS DEBATES DEL LATINOAMERICANISMO ENTRE LOS AÑOS '80 Y '90. UNA POLÍTICA DE LA LENGUA CRÍTICA¹

Data de submissão: 02/06/2021

Data de aceite: 18/06/2021

María José Sabo

Doctora en Letras. CONICET. UNC
Córdoba, Argentina
ORCID: 0000-0002-7808-2873

RESUMEN: El artículo reflexiona en torno a ciertas zonas de la crítica latinoamericanista y sus debates específicos entre los años '80 y '90, los cuales comparten un rasgo en común: pensar sus propios lenguajes y sus relaciones con el objeto de estudios en el marco de las post-dictaduras de la región por un lado, y el de la internacionalización de su práctica por el otro. La perspectiva de abordaje será metacrítica, analizando este proceso de transformación y puesta en debate del latinoamericanismo. Metodológicamente se propone la realización de un breve recorrido por sus principales puntos, para concluir exponiendo las operaciones de construcción de una nueva política de la lengua crítica.

PALABRAS CLAVE: Crítica latinoamericana de los '80 y '90. Debates críticos. Latinoamericanismo internacional. Políticas de la lengua crítica.

¹ Una versión previa de este trabajo fue presentada en el Congreso *Cuestiones Críticas* (Universidad Nacional de Rosario) en 2009.

ON SOME DEBATES IN LATIN AMERICANISM BETWEEN THE 1980S AND 1990S. A POLITICS OF CRITICAL LANGUAGE

ABSTRACT: The article reflects on certain areas of Latin Americanist criticism and its specific debates between the 1980s and 1990s, which share a common feature: to think about their own languages and their relations with the object of study in the framework of the post-dictatorships of the region on the one hand, and the internationalization of their practice on the other. The approach will be meta-critical, analyzing this process of transformation and debate of Latin Americanism. Methodologically, a brief tour through its main points is proposed, to conclude by exposing the construction operations of a new critical language politics.

KEYWORDS: Latin American criticism of the '80s and '90s. Critical debates. International Latin Americanism. Critical language politics.

1 INTRODUCCIÓN

Las últimas décadas del siglo XX en Latinoamérica han estado marcadas por dos procesos que, observados con detenimiento, conforman los aspectos nucleares de una época intensa en cuanto a la revisión crítica del canon literario latinoamericano,

conformado por obras de indiscutible representatividad de lo que hasta finales de los '70 se entendió como la "identidad" latinoamericana, con cierto halo aglutinante expandido hacia el continente. Por un lado, nos referimos a la emergencia notable de una zona del discurso literario que busca renovar las formas narrativas, aún comprometidas con las estrategias escriturales del Boom sesentista y que prontamente es identificada como "la nueva narrativa" ya sea latinoamericana en general, ya sea acotada a las diversas regiones o países ("nueva narrativa chilena", "nueva narrativa mexicana", colombiana, argentina, etc.). Hablamos de escritores o grupos de escritores nucleados en torno a manifiestos o antologías en los cuales se percibe una búsqueda de cambio que, por momentos tomará matices de verdaderos "parricidios" (como en el *Crack* mexicano, el grupo *Shangai* en Argentina) y de revisión de lo que un concepto de "literatura latinoamericana" que desde la mirada de estos escritores de este fin de siglo se encontraba reducido a expresiones artísticas en cierta medida *esperables* por la mirada metropolitana. Esta fuerza renovadora abrevó sin dudas de un clima de época que desde los años '80 tomó una presencia contundente: el clima de la derrota de las utopías setentistas, y más profundo aún, de las utopías de una modernidad latinoamericana nunca concretada (Bueno Chávez, 2010; Amar Sánchez y Basile, 2017). Idelber Avelar señala este giro con el concepto de "alegorías de la derrota" (2000) que se desacoplan de la potencia simbólica de la novela sesentista, y comienzan a trabajar en una práctica escritural en torno al duelo. Los autores y grupos de escritores que tienen presencia hacia finales de los 80 y durante los '90 -el *Crack* mexicano, el grupo *McOndo*, el grupo *Shangai*- mixturán esta melancolía devenida de la cancelación de las promesas revolucionarias, con una pose de apatía frente a las certezas que esgrimía aquel pasado y un ímpetu de recomienzo.

Pero en paralelo, entra en juego otro proceso, aún no concluido, de revisión y transformación de la praxis crítica latinoamericana, de los insumos y objetos con que hasta los años ochenta definía su *hacer* y su valor cultural. Proceso de transformación que se comprende en relación al diálogo particular que se comienza a entablar con marcos de reflexión teórica producidos desde centros epistémicos no necesariamente latinoamericanos, comprendidos dentro del amplio horizonte de los debates sobre la Posmodernidad: principalmente los Estudios Culturales, las Teorías Poscoloniales de diversa extracción, los Estudios sobre la Subalternidad. En gran medida, este concurrente diálogo no fue ajeno a la apertura de los circuitos culturales y el acceso de los lectores especializados a nuevos acervos bibliográficos acontecida con el fin paulatino de los regímenes dictatoriales de la región. El encuentro con renovadas perspectivas teóricas y su asimilación crítica efectuadas desde las condiciones políticas y sociales específicas

del continente, permitieron procesar de manera frutífera los debates urgentes de la agenda crítica de las Post-dictaduras: pensar la construcción de memoria reflexionando en torno a la representación del horror, revisar las políticas de la literatura y el peso de lo canónico y de las matrices tradicionales de escritura en la dinámica estética y artística de esta reconfiguración del campo en los '80, reconsiderando el valor inaplazable de las voces marginadas y subalternas que pujaban por entrar, sobre todo, de la mano de la testimonialidad. A principios de los ochenta, la crítica latinoamericana que hasta la década anterior se debatía entre los “sociologismos” y el “inmanentismo” a los que había sido reducido el estructuralismo, y entre el materialismo althusseriano y la filología, comienza a construir sus objetos de indagación desde otra lógica epistemológica, integrando otros debates superadores, y a través de este ejercicio, interrogándose incesantemente por su propio estatuto escritural y cultural. En este marco observamos que entre los años '80 y los '90, con modulaciones diversas, se dan las condiciones para una relectura crítica del canon latinoamericanista, revisando particularmente, más allá de obras y autores, las propias lógicas creadoras de valor, que operaron los trabajos de “selección” y ponderación que se hallan en toda conformación canónica. El crítico Hugo Achúcar (1993) se refiere a este proceso con la metáfora de “una biblioteca en ruinas”, situación que plantea a la praxis crítica muchas más preguntas que respuestas. Por ello, el texto de Achúcar también puede ser leído como el relato de una toma de conciencia generacional de esa situación frente a la cual la pregunta impostergable es “¿cómo leer entre las ruinas de una biblioteca?” (17). La biblioteca de los estudios latinoamericanos, “la vieja biblioteca en que hemos vivido y en la que hemos aprendido a leer” (19) está en plena transformación, como así también su horizonte ideológico, las formas de leer y las formas de conservar y armar otra biblioteca: “la antigua sagrada biblioteca era racista, machista, heterosexista, elitista y populista y si había libros que no lo fueran se los leía con ojo racista, machista, etcétera y etcétera. La de hoy aspira a un espacio democrático. Esa es su utopía; ese, su pecado original” (21). En esa bisagra, Achúcar reconoce la necesidad de desarticular las “lecturas monumentales” (20), a las cuales pone en relación con una forma de sacralización de las obras que debe desmantelarse: “una versión laica de la misa, es una „lectura monumental” que supone la inclinación de dómines, críticos y profesores frente a lo sagrado, congelado, muerto, de la obra de arte en el museo. Es un ejercicio de la lectura „farmacéutica”, de la lectura mecánica, una exhibición de la lectura ancestral y respetuosa” (20). Frente a ello, es necesario asirse de aquellos textos y voces subyugadas, asirse al “otro libro” (20).

De esta forma, se pone de relieve una búsqueda de apertura hacia géneros que habían quedado por largo tiempo relegados de la categoría “literarios” (las crónicas,

las cartas de relación en el caso de la literatura colonial, el testimonio, las cartas, los simples “papeles” de escritor, etc.), y esto trae de manera concomitante el rescate de géneros y formas narrativas no asimilados cabalmente a la “serie literaria” y siempre inquietantes para la crítica: Ángel Rama hablará, por ejemplo, del valor negado a los que llama “géneros de humildes cunas”, como la crónica periodística. Mientras que por el anverso de este proceso, las otrora matrices consideradas más representativas de la “latinoamericanidad”, comienzan a verse envueltas de cierto recelo: es sin dudas el caso del realismo mágico devenido en *macondismo* (Kofman, 2000), exotismo, criollismo y retórica “de la vocación compensatoria” (Avelar, 200: 24) que emparcha las tensiones reales de las sociedades americanas. De esta manera, hablamos de dos procesos complementarios en tanto ambos, desde diferentes lugares y problemáticas, ponen en el centro del debate, la necesidad de pensar la latinoamericanidad en relación a un mundo geográficamente y epistemológicamente distinto del de los setenta, éste es el de la globalización y el de la pérdida de los horizontes utópicos de emancipación, propios de mediados de siglo XX.

Así, el proceso de transformación de la crítica latinoamericana a partir de estos cuestionamientos culturales abrirá un espacio de visibilización importantísimo para que la llamada nueva narrativa de los años noventa comience a disputar un valor literario, que excederá incluso los límites del continente, pero por su parte, también las nuevas propuestas narrativas percutirán sobre el discurso crítico en tanto acusan la necesidad de poner en juego nuevos insumos teóricos acordes a las nuevas matrices de escritura que ya no se inscriben en una latinoamericanidad pensada como relación preestablecida, transparente y sin conflictos entre el sujeto escritor productor y el espacio geográfico “de origen”. La escritura misma intenta generar espacios de pensamiento poscolonial y posoccidental en términos de Mignolo, porque son textos que comparten un rasgo en común muy singular; el hecho de nutrirse del permanente diálogo con el horizonte crítico, ya sea ficcionalizando sus planteos al interior mismo del mundo narrado como también produciendo una voluminosa cantidad de discursos exegéticos que perimetran las obras propiamente dichas, tales como la escritura de ensayos críticos, manifiestos, prólogos, críticas a otras publicaciones del grupo, polémicas con los críticos o proyectos de revistas, algunas de gran significancia para el sistema literario como lo fue *Babel. Revista de libros*; son escrituras en las que prima la necesidad de suturar el vacío crítico en el que estos escritores y, en general, la “nueva narrativa”, percibe estar².

² He trabajado en detalle este aspecto en el libro *La nueva narrativa de los años noventa. El Manifiesto Crack en la teoría-crítica latinoamericana*, Villa María: Edivim, 2015.

2 LOS AÑOS '90: LA PRAXIS CRÍTICA CONTRA LA “NEOLIBERALIZACIÓN” DE LOS SABERES. LAS GEOPOLÍTICAS DEL PAPER.

Los críticos que con mayor asiduidad participan en los debates de la década del '90 en la región, tomando como centro de reflexión a la propia producción crítica latinoamericana son Mabel Moraña, Neil Larsen, Antonio Cornejo Polar, Román de la Campa, Walter Mignolo, Nelly Richard, Saúl Sosnowski, Zulma Palermo, Fernando Coronil, Enrique Dussel, Santiago Castro-Gómez, Beatriz Sarlo, Néstor García Canclini, Ileana Rodríguez, Hugo Achúgar, Carlos Rincón, Alberto Moreiras, Eduardo Mendieta, Raúl Chávez Bueno, entre los más importantes. A partir de esta década se abre una inflexión metacrítica que la diferencia de la agenda de los ochenta, porque se comienza a considerar los peligros que implicaría cierta modalidad de “importación” llana, integración o adaptación forzada de paradigmas remitidos a la geopolítica de lo metropolitano, y asimismo, de sus formas de producción del saber y estándares académicos, en el campo de los estudios latinoamericanos. La cuestión de la autonomía de la agenda crítica y literaria latinoamericana toma un lugar protagónico en los debates. Se advierte con preocupación, desde las diversas voces que arman el intercambio intelectual, el progresivo desplazamiento de la producción de conocimiento respecto a “lo latinoamericano” hacia un espacio que estaría fuera de Latinoamérica, tanto en el sentido espacial pero sobre todo, en cuanto al entramado de poder territorial; por ello se señala la incorporación de éstos a una relación desigual de dominio económico y cultural históricamente colonialista. En otras palabras se ponen discusión los riesgos de integración de aparatos teóricos producidos desde condiciones académicas marcadas por la capacidad de asimilar rápidamente problemáticas culturales dentro del vasto espacio epistémico de la *otredad* al campo de los estudios latinoamericanos, recelándose del progresivo “acaparamiento teórico” por parte de la academia norteamericana en especial. Sobre todo son los años '90 los que están marcados por este esfuerzo teórico de pensar el lugar específico de la crítica producida desde Latinoamérica en relación a lo que se diagrama como “latinoamericanismo internacional”, el cual produciría modelos teóricos *para* o *por* ésta, no sin insumir operaciones críticas de homogenización y subalternización, e incluso, de incorporación de los procesos culturales latinoamericanos como vector de contraste frente a procesos desarrollados en el occidente metropolitano. Uno de estos casos fue el discutido estudio de Fredric Jameson, “Third-World Literature in the Era of Multinational Capitalism” de 1986. En este sentido, algunos intelectuales comienzan a observar cómo la relación de poder de centro-periferia se reinstala solapadamente en el nuevo horizonte globalizado, re-enmascarando otras formas de “colonialidad del saber” (Lander, 2000) que relegan a América Latina, otra vez, al lugar de la otredad “interpretada” por el centro.

La academia metropolitana, en especial luego de su reestructuración en “departamentos de área” producidos durante los '80, bajo los lineamientos políticos de durante el último período de la Guerra Fría, comienza a absorber y a producir el grueso de los debates teóricos sobre el “latinoamericanismo” prosiguiendo una lógica geopolítica no extraña a los intervencionismos de diversa índole. El riesgo es el rol de regulación que va adquiriendo respecto de lo que se dice y de lo que sería susceptible de tornarse objeto crítico. Para estos años, para el propio Cornejo Polar (1996) es notorio el exponencial incremento de textos críticos escritos y publicados en inglés, integrados a un circuito de intercambios intelectuales que prescinde de lo producido en la región.

Esta situación finisecular de los estudios críticos incide directamente en la lectura y relectura del objeto “Latinoamérica” dentro de un nuevo discurso atravesado por los lentes teóricos en boga en la academia norteamericana y europea y por los intereses específicos que allí imperan. Esta producción epistémica se comienza así a orientar hacia una agenda cultural basada en intereses globales que pierde muchas veces la brújula respecto de la situación concreta de América Latina. Este progresivo “empobrecimiento” del discurso crítico/teórico específico es lo que más suspicacias despierta en el debate. En el *mercado* de los bienes simbólicos, para Mabel Moraña (1997b) América Latina se reinstala como una cantera de *papers*. Por su parte, Nelly Richard observa que las producciones culturales del subcontinente pasan a tener un “*valor de uso*”: es decir que su principal interés radica en que permiten poner a prueba otros complejos aparatos teóricos. (En Moraña 2000).

El mercado académico es percibido en los años '90 como un mercado transnacionalizado más, con disponibilidad de discursos teóricos medianamente adaptables, que establece un modo particular de producir saber teórico y de ponerlo en circulación dentro de un espacio semi-cerrado en el que no hay una política de traducción fuerte hacia el resto de América. Para Román de La Campa (2000), esto pone en evidencia que, más que un campo de estudio, el latinoamericanismo globalizado estaría impulsado por la lógica de la promoción individual y una producción teórica-crítica continua que garantice el abastecimiento de una industria del saber. Ésta iría perdiendo progresivamente su anclaje en la especificidad de las configuraciones sociales de la región para priorizar el saber academizado y estandarizado a los lenguajes curriculares.

La relectura del canon latinoamericano que se manifestaba como proyecto generacional de los críticos de los años '80, se ve interceptada una década después por otros intereses que, como advierte este sector de la crítica latinoamericanista al que estamos refiriendo, debe procurarse un afuera exótico que reafirme el valor del sí mismo cultural metropolitano. En este sentido, se entronizan los discursos “periféricos” y “populares”,

“postmodernos por excelencia”, dirá irónicamente Moraña (2000), en consonancia con la idea del “uso” que acusaba Richard. En esta línea, Román de la Campa sostiene:

El ejemplo más importante quizá, se encuentre en el reiterado desmonte de la modernidad literaria latinoamericana que subyace en casi todas las propuestas subalternas y postcoloniales. Aquí se entiende por modernidad todo lo que va de la independencia al Boom, pasando por el modernismo, las vanguardias y el revolucionismo. El desmonte resultante solo concibe esta larga historia en términos de partes execrables de una gran totalidad fallida, definible como sociedad criolla, sin mayores deslindes en cuanto a momentos históricos, políticos o literarios. Todos caen en la misma bolsa [...] la modernidad, el mestizaje o el criollismo que ahora se entienden como una suerte de pecado original latinoamericana (En Moraña 2000: 83)

De la Campa pone de relieve una visión reiterada acerca del estado de los estudios latinoamericanistas y que refieren al alto grado de homogenización que sufre el objeto de estudio, perdiendo aquella especificidad tan buscada en los años setenta por críticos como Alejandro Losada, Ángel Rama y Antonio Cornejo Polar. Mabel Moraña expone esta situación sosteniendo que de esta manera se da lugar “no solo a la comercialización de este producto cultural [se refiere a las que llama “nuevas modas” que teorizan sobre “el lumpen”, “el indio” “el campesino”] desde los centros internacionales, sino también a su trasiego teórico que intenta totalizar la empiria híbrida latinoamericana con conceptos y principios niveladores y universalizantes.” (1998: 219).

3 UN TEXTO DISPARADOR; CORNEJO POLAR Y EL ESTADO DE LOS ESTUDIOS LATINOAMERICANOS HACIA LA DÉCADA DEL '90

En 1997 se publica en la Revista Iberoamericana un breve artículo que Antonio Cornejo Polar había dado a conocer ya en el congreso de L.A.S.A (*Latin American Studies Association*) un año antes, en el cual articula diversas de estas cuestiones que venían discutiéndose. El artículo se titula “Mestizaje e Hibridez: los riesgos de las metáforas” y está estructurado en dos partes mutuamente relacionadas; en la primera de ellas se advierte acerca del peligro de utilizar ciertas categorías y metáforas comprometidas con áreas disciplinares de ríspida relación con la tradición literaria local para el estudio de las particularidades latinoamericanas; principalmente “hibridez” y “mestizaje”. Éstas resuelven en el ámbito abstracto de los procesos biológicos las tensiones culturales inherentes a nuestras conformaciones coloniales y poscoloniales, lavando el fondo de violencia histórica dentro de una operación teórica armonizadora. Estas categorías remiten para Cornejo Polar más a una idea de “resolución” (y en algunos casos también a la de esterilidad) de los elementos raigalmente heterogéneos de las textualidades de la región. Así, se estarían “proponiendo figuraciones que en el fondo sólo son

pertinentes a quienes conviene imaginar nuestras sociedades como tersos y nada conflictivos espacios de convivencia" (Cornejo Polar 1997: 341). El crítico pronuncia estas palabras en un contexto no azaroso, sino al contrario, en L.A.S.A, para un público que claramente se inscribe en ese campo de tensiones intelectuales entre América Latina y la academia anglosajona, espacio capturado por un diseño curricular universitario cada vez más tabulado en geopolíticas de primer y terceros mundos, y con una concomitante sociabilidad intelectual anclada en torno al *paper*. Cornejo Polar apuesta por devolver el debate al campo de las humanidades en un sentido amplio.

El segundo segmento del ensayo de Cornejo decanta de la reflexión acerca de la imposibilidad de resolución armónica, y aún más, de su carácter indeseado e improductivo. Esta segunda parte focaliza en la procedencia de las metáforas que acaba de desmenuzar críticamente y en el uso, podríamos decir, epidérmico, que hacen de ellas los constructos teóricos metropolitanos. Para Beatriz Pastor, este texto que parece escindido, está en realidad profundamente cohesionado por una misma idea regente: "el temor a la desaparición de culturas subalternas en distintos procesos de difícil negociación con culturas dominantes." (1999: 61).

En esta segunda parte, Cornejo Polar pone de manifiesto su preocupación por el conjunto de nuevas prácticas establecidas desde la academia norteamericana que tienden a tomar "posesivamente" el control de los discursos sobre América Latina, en otras palabras, recalca la amenaza que se cierne sobre el derecho a hablar en los propios términos: "alerto contra el excesivo desnivel de la producción crítica en inglés que parece –bajo viejos modelos industriales- tomar como materia prima la literatura hispanoamericana y devolverla en artefactos críticos sofisticados." (1997: 343). Se generaría un "monolingüismo" que va por carriles propios, en espacios "distintos y distantes" (1997: 342) al de América Latina, que conlleva a la subalternización de los objetos de estudios.

A consecuencia de ello, para Cornejo Polar, se está a las puertas de "algo así como una subdivisión de la disciplina" (1997: 343), dentro de los estudios latinoamericanos. Esta "sub-zona" será referida a partir de los años '90 y 2000 como "el latinoamericanismo fuera de Latinoamérica", que divide en dos la praxis crítica: "Me temo, en este sentido, que estamos generando una extraña crítica disglósica." (1997: 343).

Este texto de Cornejo Polar es clave porque pone sobre la mesa de trabajo intelectual del latinoamericanismo una cuestión de fondo que no estaba siendo considerada: la propia voz de la crítica como una política de la lengua en el sentido de una glotopolítica. La crítica asume su modo particular de habitar el espacio sonoro, construyendo "ideologías lingüísticas" que absorben y se re-imprimen en los mundos

socioculturales que entrama (Paul Kroskrity, 2000). La lengua con que la crítica piensa y produce la enunciabilidad del latinoamericanismo en el marco de su “internacionalización”, establece evaluaciones lingüísticas que tienen un valor concreto dentro de la economía discursiva. Latinoamérica vuelve, desde el tráfico geográfico de escrituras, prácticas, grafías y sonoridades, a las prácticas coloniales de intercambio de materias primas por manufacturas: un modo de usar los signos que están en disputa en el que la plusvalía posmoderna construye las nuevas condiciones de decibilidad para “habla[r] para sí de lo marginal, subalterno, poscolonial.” (Cornejo Polar, 1997: 343).

Desde los '70 y hasta mediados de los '80, las dictaduras de la región habían dejado sus marcas de terror en la materia prima del lenguaje. Los regímenes dictatoriales impusieron la racionalidad en el uso de los signos, sostiene Nelly Richard (1994), proscribiendo toda palabra de compromiso ideológico en tanto disonancia respecto de los lenguajes burocráticos y tecnificados que se apoderan de los signos compartidos. Se asiste en estos años a una “catástrofe del sentido” (17) que hace trizas la lengua en común, a partir de lo cual fracciones de la experiencia compartida ya no pueden ser verbalizadas. En esa instancia, una parte de la práctica crítica latinoamericana se vuelve notablemente metadiscursiva, problematizando las formas de acceso al pasado mediante un detenimiento en la materialidad de las palabras, reflexionando así, paralelamente, acerca de la lengua crítica encargada de exponer dicho acceso en los términos de un problema a ser debatido. La violencia dictatorial comienza a ser enmarcada en coordenadas históricas y políticas de largo aliento y que involucran la colonialidad como experiencia fundante, instando a la construcción de una nueva lengua pública (José Luis de Diego, 2007) como forma de asirse de los sentidos culturales expropiados.

En la década siguiente, la política de la lengua crítica no cierra este núcleo de reflexiones y continúa interrogándose por las “ideologías” de sus actos de habla, enfrentando la emergente economía de los signos que emplaza el neoliberalismo cultural, la cual motoriza nuevas formas de la desposesión y de las ganancias metropolitanas: ganancias poéticas que descansan sobre las exotizaciones del otro, límpidas de tensiones. Para Cornejo Polar se avizora en estos años el peor de los escenarios: el “poco honroso final del hispanoamericanismo” (1997: 344), que, a pesar del tono catastrófico, debe ser leído más bien como un enfático llamado a generar agendas de debates propias y comprometidas.

BIBLIOGRAFÍA

Achúgar, H. (1996). “Repensando la heterogeneidad latinoamericana (A propósito de lugares, paisajes y territorios)”. *Revista Iberoamericana* N° 176-177. 845-861.

Avelar, I. (2000) *Alegorías de la derrota. La ficción posdictatorial y el trabajo del duelo*. Santiago de Chile: Cuarto Propio.

- Basile, T. & Amar Sánchez, A. M. (2014). "Derrota, melancolía y desarme en la literatura latinoamericana de las últimas décadas". *Revista Iberoamericana* N° 247. 327-349.
- Bueno Chávez, R. (2010). *Promesa y descontento de la modernidad. Estudios literarios y culturales en América Latina*. Lima: Editorial Universitaria.
- Castro-Gómez, S. (1998). "Modernidad, Latinoamericanismo y globalización" *Cuadernos Americanos* N° 67. 187-214.
- Cornejo Polar, A. (1999). "Para una teoría literaria hispanoamericana: a veinte años de un debate decisivo". *Revista de crítica literaria Latinoamericana*. N° 50.
- (1997). "Mestizaje e hibridez: los riesgos de las metáforas. Apuntes". En: *Revista Iberoamericana* N° 180. 341-344.
- De Diego, J. L. (2007) *¿Quién de nosotros escribirá el Facundo? Intelectuales y escritores en Argentina (1970-1986)*. La Plata: Ediciones Al Margen.
- De la Campa, R. (2000). "América Latina: confección y marketing de un campo de estudios" *Revista de crítica literaria latinoamericana* N° 51.
- (1996). "Latinoamérica y sus nuevos cartógrafos: discurso poscolonial, diásporas intelectuales y enunciación fronteriza". *Revista Iberoamericana* N° 176-177. 697-717.
- (2003). "Embajadas en fuga y pensadores académicos" *Revista Iberoamericana* N° 203. 355-360.
- Kofman, A. (2000). "El problema del realismo mágico en la literatura latinoamericana" En: *Cuadernos Americanos* N° 82. 63-72.
- Lander, E. (Coord) (2000). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias Sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO.
- Kroskrity, P. (2000). Regimenting languages: Language Ideological Perspectives. En Autor, *Regimes of language: ideologies, politics and identities*. Santa Fe: School of American Research Press.
- Mignolo W. (1996). "Posoccidentalismo: las epistemologías fronterizas y el dilema de los estudios (latinoamericanos) de áreas". *Revista Iberoamericana*, N° 176 177. 679-96.
- Moraña, M. (ed.) (2000). *Nuevas perspectivas desde/sobre América Latina. El desafío de los estudios culturales*. Santiago de Chile: Editorial Cuarto propio/ Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana.
- (1997). "Crítica literaria y globalización cultural" En: *Papeles de Montevideo*. N°1. 7-15.
- (1997b.). "Intersectando Latinoamérica con el latinoamericanismo: saberes académicos, práctica teórica y crítica cultural", *Revista Iberoamericana*, N°. 180. 345-362.
- (1998). "El Boom del subalterno". *Cuadernos Americanos* N° 67. 214-223.
- Richard, Nelly (2000). "Un debate latinoamericano sobre práctica intelectual y discurso crítico" *Revista Iberoamericana*. N° 193. 841-850.
- (1994). *La insubordinación de los signos: cambio político, transformaciones culturales y poéticas de la crisis*. Santiago de Chile: Cuarto Propio.
- (1997). "Intersectando Latinoamérica con el Latinoamericanismo: saberes académicos, práctica teórica y crítica cultural". *Revista Iberoamericana* N° 180. 345-361.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Amazônia 28, 29, 35, 39

Análise de discurso 155, 157, 159, 163, 170, 171, 284

Arte 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 24, 26, 27, 29, 30, 31, 33, 34, 36, 40, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 64, 65, 69, 70, 71, 112, 113, 129, 139, 142, 146, 150, 152, 154, 162, 209, 247, 248, 252, 259

C

Canções de rap 244, 245, 246, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258

Canto 85, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 264

Cartografia 123, 124, 127

Celibato 109, 110, 111, 114, 118, 119, 120, 121

Código de Direito Canônico 109

Contexto 1, 2, 15, 16, 20, 27, 30, 32, 36, 59, 63, 65, 68, 74, 105, 107, 110, 111, 115, 118, 119, 121, 143, 157, 164, 172, 173, 174, 176, 178, 183, 198, 200, 201, 202, 203, 206, 214, 223, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 238, 239, 251, 252, 256, 260, 261, 273, 275

Contexto atual 231, 232

Contexto educacional 260

Crime do Padre Amaro 109, 110, 114, 116, 118, 120, 122

Crítica latinoamericana 207, 208, 209, 210, 211

Cultura organizacional 59, 60, 61, 62, 69

D

Dança 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 165, 248

Desenho 1, 2, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 36, 37, 38, 275, 278

Dibujo 8, 15, 42, 43, 44, 45, 46, 50, 54, 139, 150, 151

Discurso 8, 34, 35, 37, 38, 40, 62, 70, 95, 110, 127, 134, 139, 142, 144, 148, 153, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 208, 210, 212, 216, 243, 246, 249, 250, 251, 253, 255, 256, 258, 259, 281, 284

Dublagem 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

E

Ensino de língua portuguesa 234, 238, 244

Enunciação 155, 157, 160, 161, 164, 166, 195, 199, 206, 246, 250, 252, 254, 256, 259

F

Formação de professores 217, 219, 221, 228, 229, 230, 231, 236

Formação docente 231, 232, 233, 234, 235, 238, 241, 242

Funcionamento verbal 195, 197

G

Gestão estratégica 273, 275, 276, 278, 285, 286

Gramática 136, 139, 142, 143, 144, 153, 195, 203, 219, 237, 238

H

Historicidade 28, 30, 34, 38, 39, 157, 159, 160, 161, 166, 170

I

Inconsciente 19, 22, 24, 27, 156, 159, 162, 168, 263

Inovação 59, 60, 69, 241, 287

Instituição 2, 29, 30, 109, 118, 120, 166, 241, 276

Interdisciplinaridad 42

Internet 72, 73, 77, 80, 82, 84, 87, 88, 91, 94, 140, 141, 148, 154, 174, 179, 182, 189, 190, 193, 194, 244, 245, 247, 249, 258

Investigação 19, 29, 30, 60, 109, 111, 231, 236, 273, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 283, 284, 285, 286, 287

J

Juan L. Ortiz 123, 124, 130

L

Latinoamericanismo internacional 207, 211

Legendagem 97, 98, 99, 100, 101, 103, 105, 107, 108

Luis Casablanca 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51

M

Mãos 21, 27, 34, 115, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 234, 268, 269, 270, 274

Meme 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154

Mente-corpo 19, 21, 27

Mestrado 108, 206, 229, 230, 260, 261, 262, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 285, 286

Metáfora 19, 25, 26, 27, 47, 155, 158, 159, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 198, 209, 257

Mimesis 139, 145, 146, 147

Montaje expositivo 52, 54, 57, 58

Multiletramentos 244, 245, 246, 247, 248, 251, 254, 256, 258, 259

Música clásica 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

N

Negación 52, 57

O

Objeto de consumo 1, 2, 3, 4, 10, 16

P

Percepções 65, 217, 218, 224, 228

Periodismo especializado 72, 73, 74, 76, 93, 95, 96

Perspectivas críticas 231

Peter Brook 260, 261, 262, 267, 271

PLE 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230

Poesía 26, 38, 49, 123, 124, 125, 127, 128, 130, 133, 152, 248, 249

Póéticas 28, 30, 131, 215, 216

Políticas de la lengua crítica 207

Práctica teatral 260, 261, 271

R

Redes sociales 82, 84, 88, 89, 90, 91, 139, 140, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194

Relaciones interpersonales 172, 173, 176, 177, 178, 183, 185, 187, 194

Relações Públicas 65, 70, 273, 275, 276, 278, 280, 281, 282, 285, 286, 287

S

Sátira 139, 142, 149, 153

Simulacro 52, 53, 56, 57, 58

T

Teatro-empresa 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70

Tesis lingüística 131, 133, 135, 136

Tradução 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 106, 107, 108, 121, 122, 160, 219, 259, 272

Traducción interlingüística 131



**EDITORA
ARTEMIS**